

FICHA TÉCNICA

Título original: *Le Grand Troupeau*

Autor: *Jean Giono*

Copyright © Editions Gallimard, 1931

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Álvaro Manuel Machado*

Imagem da capa: *Corbis/VMI*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2014

Depósito legal n.º 380 901/14

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*A um homem que morreu
e a uma mulher que está viva*

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Ela comerá os vossos carneiros, as vossas ovelhas e as vossas colheitas	13
A parada dos pastores	27
O corvo	36
Julia vai deitar-se	42
À caridade do mundo	46
A mosca varejeira	55

SEGUNDA PARTE

A primavera no planalto	63
O primeiro círculo	78
E não haverá piedade	87
O quinto anjo soa a trombeta	120

TERCEIRA PARTE

Verdun	137
Ao pé do velho cavalo	142

Uma grande estrela caiu sobre as águas... ..	146
... E as águas da fonte ficaram amargas	151
Santerre	159
A corça abandonou a sua cria porque já não havia erva	182
Meu amor!	186
Debaixo da mão esquerda	192
O grande rebanho	194
Que Deus abençoe o anho... ..	213

PRIMEIRA PARTE



ELA COMERÁ OS VOSSOS CARNEIROS, AS VOSSAS OVELHAS E AS VOSSAS COLHEITAS

Na noite anterior acontecera a grande partida de todos os homens da aldeia. Estava uma noite abafada de agosto, cheirava a campos de trigo e a suor de cavalo. As parelhas de cavalos enchiam o pátio da estação de comboios. As carroças, puxadas por grandes e potentes cavalos, estavam a abarrotar de mulheres e crianças.

O comboio penetrou lentamente na noite. Expelindo fumo e faúlhas para cima dos salgueiros, foi ganhando velocidade. Então, ouviu-se o relinchar dos cavalos. Como se fosse um gemido, em conjunto.

*

Nessa manhã, como habitualmente, a mulher do talho apareceu na soleira da porta para varrer os detritos. O sapateiro já lá estava, como se fosse à espera dela, as mãos nos bolsos, a fungar, abanando a cabeça de vez em quando, como se enxotasse uma mosca.

— Rose, sabes o que aconteceu? — perguntou.

— O que foi? — disse Rose. E continuou a varrer a soleira da porta do talho.

A oficina do sapateiro e o talho ficavam do mesmo lado da rua, uma a seguir ao outro.

O sapateiro deu um pequeno passo para o lado, como se estivesse a dançar, e logo se aproximou mais, ficando junto de Rose.

— Viste o Boromé? — perguntou.

— Qual deles?

— Como qual deles?! Não o filho, claro, sabes com certeza que partiu com os outros. O velho, meu colega.

— Não, não vi.

— Acabei mesmo agora de estar com ele. Apareceu-me à porta, saudou-me e disse: «Cheira bem. Foste tu que fizeste o café?» Disse-lhe para entrar e tomou o café comigo. Contou-me que lá para os lados do Planalto de Hougues (Boromé não conseguiu pregar olho desde que o filho partiu e andou a vaguear pela colina durante toda a noite), aí, viu à superfície da terra uma pequena rocha que tinha sido muito recentemente revolvida. «Parecia que alguém a virara há pouco tempo», disse-me. «Parecia que tinham, de propósito, escavado a terra, mas isso tendo passado por cima dela, em grande número. Não homens, mas animais, como se tivesse sido um grande rebanho, com cascos duros, e depois de terem passado a pedra voltou-se.» Disse-me isto. E disse-me ainda que nessa pedra se podia ver, gravados, um triângulo e um círculo com uma flecha a atravessá-lo.

Rose ficou petrificada, recuou e pôs-se a olhar para o sapateiro à distância, franzindo o sobrolho.

— Metes-me medo, homem! — disse.

No campanário soaram as oito horas. E o dia era como todos os outros, rotineiro. O sol iluminava, como em todas as manhãs, o telhado da casa de Alic.

Antes de sair, do outro lado da rua, a dona da mercearia, ao passar, correndo, deitou ao chão uma cadeira e latas de conservas, o que queria dizer que estava cheia de pressa, além de que, gorda como ela era...

E já sem fôlego, gritou, como se estivesse a afogar-se:

— Rose! Tio Jean! Não sentem o cheiro?!

Ambos se puseram a aspirar o ar profundamente.

— A quê? — perguntaram.

— Cheiram bem! — exclamou a dona da mercearia, e depois atravessou a rua. — Vocês têm o nariz entupido, diabo! Eu estava no segundo andar, a ver o que me restava de açúcar; mal abri a janela, este cheiro saltou para cima de mim como se fosse um gato. Fiquei até afogueada.

— É verdade, agora estou a sentir o cheiro — disse o sapateiro.

— Eu também — disse Rose. — E ficou a olhar à distância para a dona da mercearia e para o sapateiro.

Era um cheiro intenso a pelo de carneiro ou de ovelha, a suor e a terra revolvida. Um cheiro que se espalhava por todo o lado, que parecia vir do céu.

— Que raio de cheiro é este?

— Não faço a menor ideia — disse o sapateiro.

Puseram-se, os três ao mesmo tempo, a olhar para o céu. Era como uma nuvem que escurecia a luz do dia: por cima dos telhados, uma ampla massa de poeira passava diante do sol.

E foi então que ouviram o barulho.

Era como um rio a correr, um rio tumultuoso, que tivesse saltado do leito, parecendo que ressoava por todo o lado, na terra e no céu, ressoava como sinos. O ruído avançava, sinos e água a correr, e ao mesmo tempo a poeira espalhava-se no céu, como nuvens grossas, e a luz do dia na rua tornava-se de cor roxa, cor de vinho, e enfim chegou aos ouvidos de todos, acompanhando o fumo no céu, um voo de gemidos e de lamentações, como, na noite anterior, o relinchar dolente dos cavalos na estação de caminho de comboios.

O Tio Jean olhou para Rose e para a dona da mercearia, enquanto trincava nervosamente os pelos da sua espessa barba branca, cuspindo-os depois.

— Raio de coisa! Vou ver o que é — disse.

— Espere por nós, também vamos.

Rose largou a vassoura, a dona da mercearia abotoou a sua bata. Desceram a rua juntos.

E Malan, o velho reformado, também ia a descer a rua, correndo. Estava em mangas de camisa e meio barbeado, um lado da cara limpo e o outro com sabão de barbear. E ao correr rodava a cabeça e olhava para o ar, como alguém que foge de uma tempestade.

A estrada da montanha passava diante da povoação. Ao passar, fazia uma curva, desviava dando a volta a uma fonte, depois continuava o seu caminho em direção à planície, onde, nessa altura do ano, em pleno verão, o ar parecia ondular com o calor.

Nessa curva, junto da fonte, já estavam, a essa hora da manhã, todos os velhos do «Círculo dos Trabalhadores», a funcionária dos correios, com os olhos raiados de sangue, e também mulheres e crianças, agarradas às saias das mães. O velho Burle abriu a janela: estava doente, de pijama e com uma cataplasma no peito, mas abriu a janela de par em par, respirou fundo e ficou a ver as pessoas na rua.

A avaliar pelo barulho, a «coisa» vinha do lado da montanha e até já tinha chegado à povoação, ao bairro de Saint-Lazare. Parecia que as casas fumegavam, de tal maneira estavam cobertas de uma poeira espessa, como se tivessem ruído e ficado em escombros.

— Vai apodrecer tudo — disse o sapateiro. — A vinha já apodreceu: uma mancha na parra, como um dedo sujo, e tudo vai secar.

Ficou com a boca aberta, no meio da barba, como se fosse dizer ainda mais qualquer coisa. Ouvia-se agora guizos por todo o lado e, no solo, um tropel de cascos de animais, acompanhado por um ruído de balidos de ovelhas.

— Burle, o que achas disto? — perguntou Malan.

— São com certeza carneiros — respondeu Burle. Falava com dificuldade, os dentes estragados, sentindo uma dor no peito. — Mas nunca na minha vida vi os carneiros fazerem tanto barulho...

Um voo de moscardos soou por entre a folhagem dos olmeiros, como se fosse granizo. Uma revoada de andorinhas, em conjunto com alguns pombos perdidos, atravessou subitamente o céu, chiando como óleo na frigideira.

— Uma podridão — disse o sapateiro. — No Durance¹ há montes de peixes mortos. Se pegares neles, escorregam-te por entre os dedos, as escamas parecem lama, tudo podre.

A leiteira Babeau, que estava mesmo em frente do sapateiro, à espera como os outros, voltou-se um pouco de lado.

— Vem do ar — disse. — E ontem à noite, viste?

— Vi. E tu?

— Também vi. Quando voltei da gare, fiquei a apanhar o ar fresco da madrugada. A minha pele parecia que queimava. E então vi, vindo de longe, uma espécie de clarão, parecia a pata de um pato.

¹ Rio afluente do Ródano. É o mais importante da região provençal. (NT)

— A mim pareceu-me uma folha grande de artemísia, toda dourada — disse o sapateiro.

Mas agora parecia que a terra e o ar tremiam e não se conseguia mais falar.

Foi então que todos viram chegar um homem velho e, atrás dele, um grande rebanho.

— Virgem Maria! — exclamou a leiteira.

— Aquele homem é louco! — exclamou Burle.

Sentia-se o peso daquele sol de chumbo e a poeira era asfixiante. O calor espesso na estrada tornava quase impossível caminhar, fossem homens ou animais. O sol era uma espécie de morte lenta.

O sapateiro disse, sempre a remexer na barba:

— É a guerra! É esta guerra que faz com que desçam da montanha.

Quando o sapateiro disse isto, à volta dele ficaram todos em silêncio. Burle e os outros compreenderam enfim o que se passava.

Sentiram o coração a bater mais forte. Lembraram-se do que se tinha passado na véspera, à noite, com aquele cheiro a campos de trigo e a suor de cavalo. E que triste tinha sido sentir esse cheiro e ver as crianças a chorar nos braços das mães, ver essas mulheres novas, cheias de vida, a despedir-se dos maridos, jovens vigorosos, que partiam para a guerra, ouvindo-se o relinchar dolente dos cavalos, como um gemido.

Diante do rebanho de carneiros, o homem estava ali, imóvel, sozinho.

Estava sozinho. Era velho. Estava cansado de morte. Bastava ver como se arrastava, aguentando penosamente na mão o peso do cajado de pastor. Mas devia ser homem rijo, determinado, com força de vontade.

Estava coberto de poeira, como um animal na estrada. Todo branco de poeira.

Deitou o chapéu para trás e depois, com os punhos grossos, limpou os olhos. No meio da poeira, os olhos grandes brilhavam, congestionados, vermelhos e cobertos de suor. Olhou para todos

com o seu olhar firme, determinado. Sem dizer palavra, sem fazer um gesto, deu a volta e dirigiu então o olhar para o fundo da linha reta da estrada, lá longe, e parecia avaliar tudo: a dificuldade em lá chegar e a intensidade do sol. Com um gesto brusco, puxou o chapéu para a frente, tapando a cara, e fez-se ao caminho, arrastando os pés.

E, atrás dele, não havia nenhum burro de carga albardado ou outro qualquer tipo de burro carregado com cestas, não: havia apenas, um pouco à frente dos carneiros e mesmo junto do homem, um animal grande, todo preto, com sangue na barriga.

O bicho entrou na curva da estrada. Cléristin pôs os óculos para ver melhor. Franziu o nariz e olhou fixamente.

— Mas aquilo é um carneiro-montês²! — exclamou.

À volta dele todos disseram que sim com a cabeça. Via-se que o carneiro estava a escorrer sangue da barriga, sangue que se misturava com a poeira. E via-se também que o homem tinha uma força de vontade enorme, arrastando-se penosamente pela estrada fora.

Cléristin tirou o chapéu e pôs-se a coçar a cabeça. Burle inclinou-se para fora da sua janela a fim de ver melhor, até o mais longe possível, aquele carneiro grande e preto que sangrava. Ele tinha sido outrora pastor, tomando conta do seu próprio rebanho. Ao inclinar-se para fora a cataplasma soltou-se dos pelos do peito.

— Está-se a dar cabo da vida — dizia ele —, a dar cabo da vida...

Por fim, voltou a colocar a cataplasma no peito, recuou e fechou a janela com toda a força.

O velho pastor já ia longe, na encosta da estrada. O rebanho avançava muito lentamente atrás dele. Eram bichos corpulentos, todos quase do mesmo tamanho, todos juntos, pareciam ondas de lama, e tinham presas, agarradas ao pelo, grandes abelhas da montanha, algumas mortas e outras vivas. Havia flores e espinhos;

² No original está *mouton-maître*, expressão intraduzível, usada nas aldeias de Provença para o carneiro-montês ou carneiro-selvagem, também designado em francês por *mouflon*. (NT)

havia ainda erva muito verde entrelaçada nas pernas. E uma ratazana avançava aos tombos no dorso dos carneiros. Uma mula de cor azulada avançou para a estrada e parou, ficando com as patas afastadas. Um burrico avançou balançando a sua grande cabeça, procurou a teta da mãe e, de pescoço estendido, pôs-se a mamar avidamente, sacudindo a cauda. A mula olhava para os homens com os seus belos olhos cor de musgo, como a cor das pedras na floresta. De vez em quando gritava³, quando o burrico mamava demasiado depressa.

Eram animais de boa saúde e que reagiam bem, continuando a caminhada sem coxear. Nas suas cabeças grandes, de olhos mortiços, ainda persistiam as imagens e os cheiros da montanha. À frente espalhava-se o cheiro forte do carneiro-montês, um cheiro protetor, de amor pelos outros, fazendo lembrar as ovelhas e a montanha. Fazendo lembrar imagens perdidas: as cabeças dos carneiros, com os seus olhos mortiços, que oscilavam ao andar e pareciam flutuar no cenário da montanha, enquanto ruminavam suavemente as ervas antigas; o vento da noite, que se enconcha na lã das orelhas e os cordeiros deitados na erva, e a chuva!...

O rebanho avança como um rio, com o seu murmúrio de água, avança pela estrada fora; de um lado e de outro roça as casas e os muros dos jardins. O burrico para de mamar, parece embriagado. As patas tremem-lhe. A mula lambe os olhos do burrico, depois volta-se e vai embora, com o burrico atrás dela.

Apareceu um outro carneiro-montês, mas o rebanho não conseguiu vê-lo logo: ouvia-se o seu chocalho, mas o rebanho era compacto, só se via o dorso dos carneiros. Agitaram-se todos, começando a procurá-lo. E de repente viram-no: era um macho grande, de pelo negro-azeviche. Os seus dois enormes e grossos cornos em arco davam voltas como se fossem ramos de um car-

³ No original *criait*. Giono não utiliza o verbo *braire* (zurrar). A utilização, no sentido figurado, de uma expressão humana para se referir à reação de um animal, implicando um antropomorfismo, dá bem a ideia da relação íntima entre os seres humanos e os animais e da transfiguração de uns nos outros ao longo da obra de Jean Giono. (NT)

valho. Tinha pousado os cornos no dorso dos carneiros, como se a cabeça fosse transportada por eles; a cabeça ramalhuda parecia flutuar sobre o dorso dos carneiros como um cepo de carvalho no Durance durante uma tempestade. Tinha sangue coagulado nos dentes e nos beiços.

A curva da estrada empurrou-o para a berma. Tentou aguentar com o peso da cabeça, mas não conseguiu, vacilou, perdeu o equilíbrio, caiu. A enorme cabeça caiu na terra, como uma coisa morta. Ainda tentou lutar para se reerguer, apoiando-se nas pernas, mas acabou por cair no pó espesso, como um rolo de lã. Afastou as coxas penosamente: tinha o entrepernas coberto de sangue, com moscas e abelhas que se agitavam no meio e dois testículos vermelhos que ainda estavam presos ao ventre apenas por um nervo grosso que parecia uma corda.

Burle voltou à janela, ficou atrás dos vidros. Via-se o movimento dos lábios. Gritava, como um possesso:

— Estão a estragar a vida! A estragar a vida!

E Cléristin falava sozinho. Não dizia nada a ninguém, punha-se a falar sozinho, de tudo e de nada, como se tentasse assim deitar cá para fora o sofrimento que o minava, agora que os seus filhos tinham partido.

— O que é que se pode fazer? — dizia ele. — Não somos grandes guerreiros! E o meu mais novo, como ele estava branco, branco como a cal! E o meu mais velho, de pés delicados! Apanham doenças do diabo, doenças desconhecidas... Não está certo!...

Tinha ficado com o chapéu na mão e via-se nitidamente que tinha lágrimas nos olhos, uns olhos verde-musgo, como os olhos da mula que tinha partido pela estrada fora com o rebanho.

De vez em quando, ouvia-se um chocalho grande ou então um cacho de sinetas de som cristalino, e era uma mula, ou um burro, ou um burrico, ou mesmo um cavalo velho; já não caminhavam como se dançassem, leves, mas lá iam, com os cascos gastos, com erva e terra agarradas ao pelo e bocados de lama nas coxas.

Por vezes, tinham de parar, lá longe, ao fundo, nos terrenos onde o pastor se perdia. Paravam os animais que iam à frente e a seguir,

gradualmente, os outros. Depois voltavam a partir, com um passo ao princípio hesitante. Os animais baliem em conjunto, um balir plangente, de dor.

Então, alguém disse:

— Ouçam!

E todos se puseram à escuta. Era lá no alto, no fundo do céu, o sino, coberto de poeira, que tentava soar meio-dia.

*

A mulher do talho pôs a mesa, atirando com os pratos ao acaso. Tinha o ar zangado de quando era rapariga e, de vez em quando, fungava.

O miúdo sentou-se na cadeira que era a dele habitualmente.

— Sai já daí — disse a mulher do talho.

Ela já tinha tentado marcar o lugar vazio com a vasilha de água e a garrafa de vinho.

— Sai. Ou não, não saias! Muda de lugar. Vendo bem, não. Enfim, faz como quiseres.

Dirige-se ao armário da cozinha e vai buscar copos para pôr na mesa. Fica aí por alguns instantes, voltada para a parede, imóvel.

— Venha comer, mãe — diz Rose.

Mas a mãe faz «não» com a cabeça e diz subitamente:

— Quem sabe onde eles estão agora?...

Lá fora, o grande rebanho segue o seu caminho.

— Não devem estar muito longe — diz Rose. — É preciso vesti-los, é preciso dar-lhes todas as coisas que lhes fazem falta, a espingarda, as munições; e depois é preciso que sejam bem treinados para saber atirar, ninguém nasce ensinado.

— A verdade é que ele não percebe nada disso.

— Sim — diz Rose —, lá isso é verdade: não é fácil. Mas ele teve a sua licença de caça na câmara. No entanto, era melhor não dizer nada, dizer o que os outros dizem. Enfim, esperemos que os pais de família sejam poupados; vão pôr na frente primeiro os que não são casados, depois aqueles que não têm filhos, depois aqueles que não são comerciantes. O nosso é casado, tem um filho, tem

um comércio... E depois, até lá... O farmacêutico diz que lá para o Dia de Todos os Santos, o mais tardar, o mais tardar... Eu acho que até pode ser antes, há de resolver-se, de uma maneira ou de outra... Venha comer, mãe!

— Não — disse a mãe. — Não consigo comer nada, a comida não passa da goela. Que tudo se resolva assim ou assado, mas que acabe!

*

Cléristin tinha ficado a ver o rebanho passar, sofrendo, alimentando-se da própria dor.

— Que vou eu fazer para casa? Agora, estou sozinho.

Chamou a padeira:

— Amélie, dá-me um bocado de pão e põe na conta.

Não tinha conseguido comer. Arrastava-se pela rua, com o pão na mão.

Os carneiros continuavam o seu caminho, mas cada vez mais lentamente.

Os animais estavam exaustos, alguns estavam agora doentes. Era um rebanho que nunca mais acabava. Os animais metiam pena, a arrastar-se na estrada. Não suportavam mais sofrimento.

Via-se sangue no ventre de todos. Por causa da poeira, os animais espirravam e ficavam tontos, sacudindo a cabeça. As pessoas que assistiam diziam:

— Caem de vez ou não caem?

Não, voltavam a partir, com as pernas rígidas como se fossem de pau.

O carneiro-montês continuava caído por terra, de pernas abertas. Escorria sangue em grande quantidade; todo o seu pelo estava empapado em sangue. Não se queixava, respirava com toda a força e o ar que lhe saía pelas narinas dilatadas tinha feito sulcos na poeira.

Agora, tinha aparecido um outro pastor. Estava parado na curva da estrada, a olhar os carneiros que passavam. Fora obrigado, há pouco tempo, a empurrar os animais com o joelho a fim de conseguir sair daquela verdadeira onda gigante de carneiros. Transpirava

por todo o lado, o suor escorria-lhe do rosto e da cabeça. Com o reflexo da luz do sol parecia que tinha uma auréola de santo na cabeça. Agarrado ao seu cajado, olhava para longe, absorto.

A cama de Burle estava perto da janela. Via-se Burle a levantar-se, a vestir as suas calças de veludo, a pôr no peito a cataplasma, a abotoar a camisa.

Passado algum tempo, a porta do corredor abre-se e Burle sai de casa. Está descalço, com a mão esquerda apertada a cataplasma no peito, na mão direita leva consigo uma cadeira. Toca no ombro do pastor.

— Olhe lá, homem — disse. — Não pode ficar assim sempre de pé, sente-se nesta cadeira.

O pastor continuava absorto. Sentou-se. Pôs o cajado diante dele, entre as pernas, cruzou as mãos apoiando-as no cajado e, pousando o queixo nas palmas das mãos, baixou a cabeça sob o sol escaldante.

— A avaliar pelo tamanho — disse o sapateiro, que tinha voltado —, a avaliar pelo volume de animais (porque, realmente, parece uma corrente, como de um ribeiro ou mesmo de um rio) este rebanho ainda vai a meio. Agora, vê bem: avança como a corrente de um rio desde as oito desta manhã, continua a passar; se contarmos o pastor que agora está a dormir sentado na cadeira e o outro pastor que vai à frente do rebanho, lá longe, faz apenas dois homens ao todo para tantos animais. E nota que não vimos nenhum cão de pastor para ajudar, também não vimos burros albardados. Diz-me lá se não são tempos difíceis, tempos malditos, estes?

E Cléristin pôs-se a olhar também para longe, para lá dos animais que passavam, como se visse presságios, terríveis profecias do que estava ainda para acontecer, profecias escritas com sangue e sofrimento que aquele grande rebanho anunciava, ali, diante deles, ao longo da estrada coberta de poeira.

— Fui até ao fim, quando já não há mais árvores. Daí vê-se o vale de Asse. Vem de lá de cima. Toda a montanha deita fumo, como se alguém tivesse deitado fogo. E ouves o trovão?

Do lado da montanha, uma tempestade rachava o céu como se fosse com martelos de ferro.

Agora, via-se os carneiros encharcados, por causa da chuva. Avançam muito lentamente, com a cabeça. Um homem caminha no meio dos animais, todo ele a escorrer água. Leva consigo um cordeirinho, abrigado da chuva debaixo do seu casaco. Chama o outro pastor, que está sentado:

— Antoine! Antoine!

O outro pastor não se mexe. Continua na mesma, com um grande chapéu a cobrir-lhe a cabeça. De repente, faz um pequeno sinal com a mão direita:

— Vou já, vou já...

E, nesse momento, o carneiro-montês morre. Erguera brusca-mente a pesada cabeça, como se alguém lhe tivesse dado ordem para fazer isso; olhara para o céu, do meio dos seus enormes cornos, um olhar interminável. Com o pescoço esticado, gemera, como se regressasse à infância e voltasse a ser um cordeirinho, de pernas abertas, esticadas; soltara uma bolsa de sangue negro e tripas, com um ruído de balão furado.

*

Quando acendeu a vela, Rose disse:

— Mãe, esta noite devia dormir comigo. Não deve ficar sozinha.

Deu ênfase, com os seus grossos lábios húmidos, à palavra «sozinha».

Assim, nessa noite, a mãe ocupou o lugar do filho, ao seu lado. A marca do corpo daquele que partiu ficara no colchão. A mãe ocupou esse lugar, alojada nesse buraco, como se o seu corpo fosse igual ao do filho. E, lado a lado, as duas mulheres ouviram o tropel do rebanho na noite. Era um barulho permanente. Como se a montanha quisesse livrar-se de animais vivos.

Houve uma pequena pausa, um momento de calma, não se sabe como, e as duas mulheres adormeceram, embora tivessem um sono agitado. Depois, a mãe acorda, em sobressalto:

— Ouve — disse.

— O que foi? — disse Rose.

— Há alguém que geme.

Já não se ouve o tropel do rebanho de carneiros, mas sim uma espécie de gemido de criança, um apelo, como uma criança que chora pela mãe. As duas mulheres sentem esse apelo e saltam da cama.

— Pega na vela. Acende-a.

— Mãe, ouça: não será o miúdo que está doente?

— Não, Rose, o barulho vem da rua, lá em baixo.

— A esta hora? — diz Rose.

A verdade é que parecia mesmo uma criança a chamar pela mãe:

— Mé... Mé...

— Sim! — responderam as duas mulheres, descendo a escada descalças.

— Espere!

A fechadura é difícil de abrir. Rose, ao tentar abri-la à pressa, magoou a palma gorda das mãos e os seus seios saltaram da camisa de noite com o movimento brusco.

— Pegue. Não deixe que a vela se apague.

A noite cheirava intensamente a pele de carneiro.

— Está a chover, mãe?

— Não, é a terra. É a poeira levantada pelo rebanho que está a cair.

Afinal, as duas mulheres descobriram: o que gemia ou chorava, o que parecia chamar pela mãe, estava ali, por terra, era uma pequena mancha branca. Rose ajoelhou-se e viu o que era: um cordeirinho coberto de poeira e que tremia, um cordeirinho perdido da mãe e de todo o rebanho, perdido no universo.

— Mãe, é um cordeirinho tresmalhado.

Rose pegou nele com os seus braços nus; o anho meteu o pequeno focinho húmido na cavidade do cotovelo de Rose.

— Cordeirinho, cordeirinho lindo... — canta docemente Rose. E dá-lhe pequenos beijos com a ponta dos lábios. — Coitadinho dele!

— Ainda mama — diz a mãe.

Rose treme ao sentir a respiração do anho nos seus braços.

— Creio que podemos dar-lhe o biberão, como se fosse uma criança — disse.

O anho calara-se, sentia-se bem no calor dos braços roliços de Rose. Fechou os olhos e depois abriu-os, como para ver se os braços continuavam à volta dele, e sentiu-se feliz. Levou a cabeça até aos seios de Rose, que se pôs a rir:

— Estão secos — disse. — Ah! Se ainda tivesse leite, dava-te, mas já não tenho. Mãe, não nos podemos esquecer de trazer mais um litro de leite amanhã.

— Vem — diz a mãe. — Temos de voltar para casa. Estamos para aqui, na rua, em camisa de noite!

— Sim, mas é preciso abrir a porta do corredor — diz Rose. — Não pode passar pelo armazém. Está cheio de carne, cheira a sangue, ele teria medo.

*

Quando amanheceu, Clara abriu as portas do seu pequeno café, na curva da estrada. No meio do cruzamento, sem ninguém, estava uma cadeira vazia. O rebanho tinha acabado de passar, o pastor partira com ele, um cão lambia o sangue deixado pelo carneiro-montês.

Logo ao despontar do dia apareceu o velho Sauteyron, da quinta Saint-Patrice. Trazia consigo o cavalo para ser inspecionado.

— Clara! — gritou. — Dá-me qualquer coisa forte.

Clara veio cá fora com um copo e uma garrafa de aguardente na mão.

— Estás muito pálido! — disse ela.

— Não admira — respondeu o velho. — Está tudo cheio de carneiros mortos pela estrada fora.

O cavalo ficou a olhar a luz com tons esverdeados da alvorada. Sacudia a cabeça, como se estivesse a enxotar um moscardo, e gemia docemente, com o freio apertado nos dentes.

A PARADA DOS PASTORES

Soaram as doze badaladas no sino da igreja de Valensole. O vento varria tudo, levantava ondas de poeira, e o folhelho da espiga de trigo subia nos ares a caminho da lua.

Na quinta de Chauranes, no planalto, a roldana do celeiro, com o vento, faz um barulho intermitente. Parece que canta sozinha. Alguém deixara a corda na ranhura da roda. O velho Jérôme ouviu o canto da roldana. Pensou logo na corda que ficara solta.

— Estas mulheres!... — disse para si mesmo.

Depois, voltou-se na cama para o lado esquerdo, ouviu o bater do seu coração. Era como se estivessem a bater no chão com um maço de calceiteiro na cave, ao fundo da casa. E depois Jérôme lembrou-se de Diane, a cadela, lembrou-se de que ela não tinha voltado para casa à noite.

— Eu bem dizia! Eu bem dizia: atenção!, ela vai fugir, ou por causa de um cão com cio, ou porque anda para aí sozinha à caça.

Jérôme levantou a cabeça da almofada e pôs-se à escuta. Pareceu-lhe ouvir um barulho de guizos na colina.

— Quando Joseph partiu, disse: «Cuidem bem dela! Cuidem desta cadela!» É a segunda noite e já a deixaram fugir.

Vira-se na cama para o lado direito. Não consegue dormir. Mas agora já não ouve o barulho do bater do coração, ouve o vento a soprar, o vento que atravessa a granja e o barulho da folhagem das amendoeiras no planalto. O que dava bem a medida da extensão desse planalto, a perder de vista.

Agora, é o único homem em Chauranes. A filha, Madeleine, que acabara de fazer dezoito anos, e a nora, Julia: era tudo. Foi tudo o que ficou depois de Joseph ter partido.

Agora, quem ia manobrar a charrua? Quem ia ceifar?

Deitou-se ao comprido no leito, rígido, e fechou os punhos no vazio, como se fosse pegar no cabo do arado, e viu girar no escuro o grande pedaço de terra que era seu: sulcava o escuro como um barco, estava carregado de amendoeiras e de trigo, como quando ele sulcava a terra, atrás da parelha de cavalos.

De repente, atirou com o lençol, saltou da cama, procurou as calças, acendeu um fósforo e saiu do quarto, indo pelo corredor com o fósforo na ponta do dedo. Bateu à porta da nora.

— Julia! Julia!

Bateu suavemente, com a palma da mão.

— Sim.

A cama rangeu e ouviu-se o ruído dos pés descalços no chão.

Jérôme reteve na mão o puxador da porta do quarto da nora.

— Não, não abras! — disse. — Estou em pijama. Ouve, queria perguntar-te: deste de comer aos cavalos?

O fósforo apagou-se.

— Ah! Não — respondeu Julia.

— Vais lá agora?

— Sim, vou já — respondeu a nora. — É mais uma coisa a que tenho de me habituar.

E lá foi. Ao voltar do estábulo, Julia passou pelo quarto de Madeleine e disse baixinho, junto da porta:

— Madelon, estás a dormir?

— Não.

— Ouve, Madelon: fui agora mesmo dar de comer aos cavalos. Nem imaginas o que se passa lá em baixo, no vale! Está tudo cheio de lanternas que vão e vêm e há um barulho enorme de carneiros e, lá mais em baixo, nas margens do Durance, acenderam uma grande fogueira, vê-se as labaredas a subir, a subir.

— Sim, já sei. Vi-o chegar: é um enorme rebanho, até faz medo. Vi-o chegar quando a noite caía. Os carneiros estão a descansar, nas terras das Gardettes.

Julia ficou um instante a refletir, no escuro do corredor, e depois disse:

— Madelon, posso entrar? Queria dizer-te uma coisa.

— Entra. Queres que acenda a vela? — perguntou Madeleine.

— Não, não é preciso. Deixa-me só deitar-me um pouco ao pé de ti, tenho frio nos pés por causa da laje. Ouve, Madelon, estás zangada comigo?

— Não sinto rancor por ninguém — respondeu Madelon, de dentes cerrados.

Às apalpadelas, Julia acariciou o corpo da rapariga e disse, emocionada:

— Ouve, Madelon: é verdade, juro-te, é a pura verdade, que eu não disse nada a ninguém, nada, nem uma palavra, acredita. Lembra-te do tempo em que andávamos sempre agarradas uma à outra, de mão dada, e dos bailes em Bras, quando trocávamos as fitas do cabelo debaixo da macieira. Não disse nada, juro-te, e seria uma alegria para mim ver-te casada, como tu sentiste em relação a mim quando te disse: «Vou casar-me com o teu irmão.» E ficámos a abraçar-nos em cima do feno. Estás a ouvir? Não fui eu, foi ele que andou a vigiar-te; foi ele que te viu. Na antevéspera da partida, ao deitar-se, ele disse-me: «Fica de olho nela enquanto eu não estiver aqui.» Estás a ouvir? Ele disse-me: «Se acontecer alguma coisa, torço o pescoço às duas! Vi-a com o Olivier das Gardettes, andavam enrolados um no outro.»

— Não é verdade, Madeleine, não fazíamos nada de mal.

— Eu sei, eu sei, Delonne. Não era nada de mal, claro, era natural. Mas digo-te uma coisa: Joseph é teu irmão, tu és a sua irmã, mas ele tem ciúmes de ti como se fosses a mulher dele. Não é mau rapaz. Só que é muito ciumento, pronto! Mas não tenhas medo, não vai matar-te. Disse isso por dizer, naquela ansiedade da partida, e além disso tinha bebido muito por causa de partir, como se fosse morrer, e queria esquecer o sofrimento, e além disso...

— Olha, sabes: se ele me matar, paciência! — disse Madeleine na escuridão do quarto.

*

Nas Gardettes, do outro lado do vale, a luz do candeeiro a petróleo continuava a iluminar os ramos da figueira. Via-se que

Delphine não tinha o sentido da economia: já estávamos quase na alvorada! E o pai nem reparava...

Apesar de ser madrugada, continuavam ali, por baixo da figueira e da luz do candeeiro a petróleo, à volta da mesa: Delphine, o pai, e o jovem Olivier. Não falavam. Estava com eles o pastor que conduzia o grande rebanho, que aparecera, saído das sombras, no meio da noite, todo branco, coberto de poeira, como uma cigarra que tivesse atravessado a estrada.

A noite está tão carregada de estrelas que é como se o céu fosse uma teia de aranha.

— Quarenta horas — disse o pastor —, quarenta horas de seguida.

— É demais! — exclamou o pai de Delphine.

— A culpa não é de ninguém — disse o pastor. — É o destino.

— Seja como for — disse o dono da quinta —, é demasiado sofrimento para os animais!

E ambos começaram a fumar cachimbo.

— Decidimos logo ali, no primeiro dia — disse o pastor, lançando um olhar para o céu estrelado. — Estávamos nas pastagens do alto da montanha, com um tempo como nunca estive. As ervas, pode dizer-se que se pareciam com uma noiva, todas com pequenas flores brancas, e brilhavam, parecia que riam, tudo isto ao longo de quilómetros e quilómetros. E de repente vejo, num socalco da montanha um pouco mais abaixo de onde eu estava, dois homens fardados de azul que caminhavam no meio do feno, despreocupadamente. Aqueles, disse cá para mim, são com certeza gendarmes de Saint-André; deve ter sido por qualquer maluquice do Alphonse com a mulher. E de facto dirigiam-se para casa do Alphonse. Chegam lá, chamam-no e Alphonse vem ter com eles. Depois, descem o vale, voltam a subir para a cabana do Bousquet. «Não se percebe! Esse é um paz de alma!» E depois, os gendarmes dirigem-se à casa do Danton, depois à do Arsène e, enfim, dão a volta à montanha, dirigindo-se para as pastagens que ficam do outro lado. Podia-se ver as marcas deixadas nas ervas pelas suas botas, serpenteando pelo caminho fora. O Alphonse tinha recolhido os animais. Pôs-se a caminho do cedro. Conseguia vê-lo dali, lá em baixo, com

a cabeça para trás, como se estivesse a beber por uma garrafa; de repente, tocou a trompa. De onde estava ouvi perfeitamente o som da trompa. E logo a seguir ouvi soar as trompas do Bousquet e do Danton e do Arsène, e, do outro lado, todas as trompas soaram.

Então, sem saber bem porquê, também me pus a soprar na trompa com toda a força e senti que, apesar de o dia estar maravilhoso e dos prados parecerem rir, tocava na trompa como se fosse por causa da morte do meu cão.

Chegou, então, a tarde. Vi que os homens da aldeia estavam todos reunidos debaixo do pinheiro grande da praça. Disse cá para mim: «Foste estúpido, se tivesses descido a montanha sabias logo o que se passava...»

Mas eis que um dos homens, lá em baixo, que depois soube ter sido o Julius de Arles, sai da sombra do pinheiro e me chama, agitado, como se dissesse: «Vem imediatamente!»

Então, chamei os animais e pus-me a descer a encosta rapidamente.

Debaixo da árvore, as mochilas de soldado estavam prontas e os meus amigos disseram-me: «Vamos partir!» Eu disse: «Aqui a erva é ótima para pastagem.» Responderam-me: «Sim, mas não vamos partir para outras pastagens. Vamos partir para a guerra!»

O pastor pôs-se a aspirar o fumo lentamente pela boquilha do cachimbo, como se quisesse adormecer o coração, tentando esquecer o momento em que a terra começara a tremer.

— Ficámos apenas três: o Antoine de Pertuis, o Julius de que falei há pouco e eu. Três apenas, demasiado velhos para ir para a guerra. Demasiado velhos também, como disse o Antoine, para tomar conta de maneira eficaz de todos os rebanhos reunidos que nos vieram parar às mãos. E, à noite, os jovens carregaram com as mochilas às costas e partiram. Ficámos sozinhos. Havia tantos carneiros na montanha que já nem se conseguia ver a erva. Então, discutimos sobre a situação, nós os três. Estávamos tristes. Discutimos os prós e os contras. Ficámos ali toda a noite, a ver o que podíamos fazer, fumando sempre, até se acabar o tabaco. Pusemo-nos de acordo e partimos, indo eu à frente. O barulho dos carneiros

era ensurdecedor. Quando atravessávamos as aldeias, as mulheres e os velhos punham-se todos alinhados ao longo das estradas, para nos ver passar. Chegámos à planície. E foi então que uma mulher caminhou mais de cinco quilómetros com um anho nos braços e veio ter comigo. Disse-me: «Homem, cheguei ao fim do meu caminho. Não vou andar nem mais um metro. Este pobre animal, que peguei tresmalhado do teu rebanho, se o pousar no chão morre. Para!» Eu disse: «Não», mas depois disse: «Está bem. Pousa-o.» Voltei a cabeça e vi o cordeiro deitado em cima do talude; a mulher corria como uma louca. Então, gritei: «Mulher! Mulher!...» Mas já ia longe. Nem me ouviu.

Foi a partir desse momento que compreendi claramente tudo o que se passava e que pensei no sofrimento que se espalhava por todo o lado, e que seria cada vez maior. E fiquei a pensar tanto nisso que me senti como que queimado por dentro, e disse cá para mim: «Que tenham caridade de nós!»

O pastor ergueu na noite a sua mão aberta, grande, larga como uma folha de plátano.

Do fundo do vale veio o ladrar de um cão e uma voz de homem.

— É de mim que andam à procura — disse o pastor. — E pôs-se a gritar o seu nome e «Estou aqui!».

— Onde? — perguntou a voz do homem.

— Sobre até aqui, onde há luz — gritou o pastor.

Ao fim de alguns instantes, o homem chegou perto e, aproximando-se mais, para junto da luz, viu-se que era um velho, com terra e erva por todo o lado, provavelmente depois de se ter deitado em qualquer lado para recuperar o fôlego. Um cão de cor azulada vinha atrás dele.

— Viva, Julius! — disse o pastor.

O outro respondeu com um «Ah!» e deixou-se cair no banco, exausto. O dono da quinta piscou o olho para a filha. Delphine foi dentro da casa e voltou com um pão, um litro de vinho e um copo.

— A sopa está fria — disse o pai de Delphine. — Vamos aquecê-la. Entretanto, vai comendo e bebendo, aproveita.

Julius pegou no copo com as duas mãos; o copo ficou escondido naquelas duas grossas mãos de pastor. Julius bebeu o vinho do copo como alguém que bebe avidamente água de uma fonte.

— Mais um copo?

— Sim, mas dão-me licença?...

Julius pega no seu canivete. Corta uma grande fatia de pão, molha-a no vinho e dá-a ao cão.

O dono da quinta dá grandes fumaças no cachimbo.

— Queres tabaco? — pergunta a Julius.

Julius pega no seu cachimbo, mas depois decide não fumar, pousa o cachimbo em cima da mesa. Põe a mão no ombro do pastor.

— Vim ver-te, Thomas, vim aqui para te ver. Sente-se a morte por todo o lado. Isto é uma loucura! Não se aguenta mais. É preciso andar mais devagar. Pensa nos animais. À frente vão os saudáveis, os que aguentam tudo ao longo da estrada; mas depois há os desgraçados, que vão morrendo, morrendo pelo caminho. Vão acabar por morrer todos! Estamos a exigir demasiado a esses pobres animais. Não foram feitos para isto. Ah! Thomas, que tempos estamos a viver! É como a diferença entre a sombra e a luz! Onde param os velhos tempos?...

Ouvia-se os grilos a cantar. Tudo estava imóvel. A noite era uma enorme paz plena de estrelas.

— Não se deve pensar mais no passado — disse Thomas. — Estamos todos metidos nisto. Eu também sofro. Achas que sou feito de ferro? Achas que não sinto o olhar ansioso dos outros quando passamos pelas aldeias? Escondo-me debaixo do chapéu. Achas que não sei, que não ouço nada? Não sou surdo. Escuta!

Cala-se. Ao princípio, ouviu-se apenas os grilos. Depois, vindo do fundo da noite, ouviu-se o tumulto surdo dos carneiros.

Julius suspira profundamente.

— Temos de ir embora — diz. — O problema é saber se os animais vão querer.

— Na situação em que estamos, não há outra solução — disse Thomas. — Vais ver: quando um se levantar, os outros vão logo atrás.

Ao amanhecer, em plena alvorada, viu-se claramente a imensidão do rebanho. Estendia-se pelo vale fora, como nata que se

derrama: pelas colinas, pelas margens do Durance, onde subia nos ares o fio azulado de uma fogueira de vigília que se ia extinguindo lentamente.

Parados na encosta do outeiro, os três homens puseram-se a olhar para baixo. Julius disse que tinha de ir embora, juntar os seus carneiros. O dono da quinta percorria com o olhar aquela imensidão de animais. Thomas, o outro pastor, olhava para o rebanho como se fosse uma aparição no céu.

— Adeus! — disse Julius.

— Adeus! — disse Thomas.

Depois, o dono da quinta e Thomas desceram juntos até ao pequeno vale. E viram o grande carneiro-montês sozinho, deitado debaixo de uma azinheira. O sangue do carneiro tinha caído em cima do tomilho e das pequenas e tenras segurelhas. Os seus cornos misturavam-se com a erva. A sua língua pendia para a terra, seca como uma pedra. Estava coberto de moscas e de abelhas.

Thomas enxotou as moscas com o chapéu, depois tateou os rins do animal e viu como estavam os ossos das pernas. Tocou suavemente na ferida entre as pernas. O animal não se queixou, deixou que tocassem nele. Olhava para o pastor de olhos arregalados.

— Patrão — disse Thomas. — Vou pedir-lhe uma coisa: salve o meu carneiro-montês. Corajoso como é, vai recuperar, vai voltar a andar. Se não o salvar, morre para aí. Salve-o. Ainda é possível. Pegue nele, leve-o para a quinta, cuide dele. E, quando o tempo passar, se ainda estiver vivo, virei buscá-lo.

— Está bem, posso tentar — disse o dono da quinta. — E obrigado, pastor, por confiares em mim. Compreendo o que sentes, a piedade que sentes por este bicho.

Thomas puxou o chapéu para a frente.

— É o que eu digo: não há virtude maior que a caridade.

— Espera — disse o dono da quinta. — Vou buscar um carrinho de mão, será mais fácil transportá-lo.

Quando chegou o carrinho, o pastor pôs feno no fundo e ambos pegaram no bicho e deitaram-no no carrinho.

— É preciso pôr agrimónia a ferver — disse Thomas. — E lavá-lo bem na parte interior das coxas. Depois, tem de se passar com

uma massa de enxofre e azeite nas feridas que sangram. Duas vezes por dia. Mas eu conheço-o, ele precisa tanto de carinho como de remédios. Vai ver, em pouco tempo estará curado e a andar.

Pousou a mão na cabeça do animal e coçou suavemente debaixo dos pelos, com todo o carinho. O carneiro olhou para ele e, tremendo, emitiu uma espécie de ronco, que era a maior manifestação de amor dos carneiros.

— Não tenhas medo — disse o pastor. — Deixo-te em boas mãos. Vou-me embora, meu querido arlesiano. Se não fosse o destino, ficaríamos sempre juntos, até ao fim da vida. Peço-te que sejas corajoso e que te portes bem com este homem. Nada de provocar zaragatas no estábulo. De agora em diante, esta vai ser a tua casa. Obedece às mulheres e dá-te ao respeito.

Depois, o pastor voltou-se para o dono da quinta, pegando-lhe no braço.

— Não sei como agradecer, mas se devo alguma coisa...

— Não deves nada — disse o velho. — Vai à tua vida. Adeus!

No meio da encosta, que era difícil de subir com o carneiro-montês no carrinho, o dono da quinta parou. Lá em baixo, o rebanho reiniciava a sua caminhada. Thomas, que voltara para junto do rebanho, agitava os braços para a frente e para trás, juntando os animais no meio da erva. Depois, olhou para cima, para o dono da quinta, e acenou, dizendo adeus. E assim se foi afastando no horizonte, à frente dos carneiros, acompanhado pelo vento quente e suave de agosto, que deslizava na planície como um rio sereno.